

Um novo paradigma: sim ou não?

por Mário Soares

Há sinais incontestáveis que a crise global está a abrandar, tanto em Portugal como noutros países da Europa e no Mundo em geral. Mas não quer isso dizer, quanto a mim, que tenhamos batido no fundo e que já estejamos em franca recuperação. Não estamos. O desemprego continua a crescer e o crédito, pelo menos para a maioria, continua a ser difícil de obter, da parte dos bancos. O deficit a crescer...

A verdade é que não se procedeu ainda a uma análise crítica, séria e transparente, para o público em geral, do porquê da crise e das suas consequências a médio prazo. Sabemos que houve grandes empresas – e “respeitáveis” Bancos – que faliram ou estiveram à porta da falência, que houve grandes especuladores que, inesperadamente, entraram em colapso e arrastaram com eles empresas e pessoas que neles confiaram. Foi o caso paradigmático de Madoff, na América, que já está julgado, condenado e na prisão, por longos anos, e de outros pequenos Madoffs portugueses, grandes à nossa escala, que não estão presos, apesar de alguns serem arguidos. Ninguém poderá dizer se o virão a estar alguma vez... Sabe-se alguma coisa da “operação furacão”, tão publicitada há já tantos meses, por aqueles que a investigam? Ou dos casos tão simbólicos do BPN e do BPP?

Ou seja: está-se a procurar esquecer a crise, sem averiguar os seus fundamentos, para a perceber, nas suas causas e a poder vir a ultrapassar, bem como todas as suas nefastas consequências.

De resto, é importante que se diga que não é só em Portugal que tal acontece. Em vários países da União Europeia, no Reino Unido, em França, na Alemanha, em Itália, para só citar os maiores, está-se a procurar fazer o mesmo, pensando que se pode ultrapassar a crise, com meras medidas circunstanciais, digamos, de emergência (aliás ainda não integralmente explicadas) sem necessidade de ir às suas causas ou ignorando-as propositadamente. Ora, não pode.

Barack Obama, no momento da posse, disse que era preciso criar um “novo paradigma” político. É o que tem estado a fazer, com muita coragem, tanto no plano interno como externo. Com dificuldades óbvias que vêm dos sectores mais reaccionários da sociedade americana.

Contudo, na União Europeia, não se quer pensar assim. Os dirigentes mais responsáveis – com óbvias excepções – continuam a pensar que tudo pode ficar na mesma, favorecendo os muito ricos e abandonando à sua sorte as classes médias e, sobretudo, os pobres, os socialmente excluídos e os desempregados. Com o risco de fomentar grandes convulsões...

Vem isto a propósito do Programa de Governo do PSD, apresentado na última quinta-feira pela Dr.^a Manuela Ferreira Leite. Não se pode dizer, em linguagem popular, que “a montanha pariu um rato”. Não. A Dr.^a Ferreira Leite tinha prevenido que “quem espere grandes novidades, será defraudado, porque não vai estar lá nada que não tenha já dito”. É verdade. Então para que foi o espectáculo e todo o relambório mediático ocorrido, simbolicamente, no “Átrio do Futuro”? Realmente não houve novidades nem ideias novas. Só mais do mesmo. Como se não estivéssemos a viver a maior crise de sempre. No “Átrio do Futuro”, não se ouviu um só pensamento estratégico quanto ao futuro, para sairmos da crise. Quer-se um exemplo? O grito de alma de “menos Estado”, tão do agrado de George W. Bush e de Dick Cheney, quando agora são os banqueiros e os grandes empresários que têm andado de chapéu na mão a reclamar o auxílio do Estado, indo ao ponto de pedirem a nacionalização de bancos e empresas, para salvar os seus patrimónios...

A conclusão que se tira é que este PSD, liderado por Manuela Ferreira Leite, parece não ter aprendido nada com a crise. Não percebeu que é preciso outro modelo de desenvolvimento, mais social, mais ambiental, com a economia e as finanças mais controladas pelo Estado e com regras éticas, que acabem com as especulações criminosas, com os off-shores, com as negociatas e as roubalheiras.

Para tanto é preciso um Estado forte, prestigiado, progressista e responsável, É, por isso, muito estranho que, sendo Ferreira Leite de profissão economista, não tenha avançado com qualquer ideia para vencer a crise e para a construção de um novo modelo estratégico, de modo a fazer frente ao mundo novo que está a nascer.

Por outro lado, o Programa lançou várias piscadelas de olho à Esquerda Radical e aos meios sindicais para, oportunistamente, tentar caçar votos descontentes: os professores, como se os sindicalistas fossem parvos e não conhecessem a Dr.^a Manuela do tempo de ministra da Educação; os magistrados, parecendo desconhecer que os prazos processuais já existem e não se cumprem (não há aliás uma palavra sobre como se podem vir a cumprir); os polícias; os médicos e os enfermeiros; etc. Uma vontade política incontida de tentar criar, em proveito do PSD, uma "Federação de descontentes", como lhe chamou o ministro Santos Silva.

Mas será que as piscadelas de olho convencem alguém? Quando, ao mesmo tempo, se advoga o enfraquecimento do Estado em matéria de segurança social, de saúde, de educação, de trabalho, de ambiente, para que os privados se possam expandir. Não faz sentido. Com efeito, o Programa eleitoral do PSD foi uma grande frustração, para os que acreditavam que dele podia vir algo de novo. Não veio.

Morreu o último da segunda geração dos Kennedy: Edward Kennedy. Não foi Presidente dos Estados Unidos, como o seu irmão John, assassinado em Dallas, nem sequer Candidato à Presidência, também assassinado, como seu irmão Robert. Foi apenas Senador. Mas um prestigiado e influente Senador por Massachusetts, onde existe uma forte comunidade lusíada, radicada há longos anos, e na sua maioria apoiante dos Kennedy...

Ted Kennedy foi o protótipo do senador liberal no sentido político (não económico), isto é: progressista e defensor de grandes Causas, como a igualdade entre mulheres e homens, brancos, negros e hispânicos, lutador, anos a fio, em favor do serviço de saúde gratuito para os pobres e os excluídos e dos Direitos Humanos. No plano internacional, manifestou-se contra todas as ditaduras, em especial a de Pinochet, e contra as guerras do Vietname e do Iraque.

Conheci-o quando, em 1970, fui, pela primeira vez, aos Estados Unidos e um amigo português residente em Providence, me levou a Washington para o visitar e conhecer. Em Portugal, estávamos na fase aguda das guerras coloniais – que eu denunciarei numa Conferência no Overseas Press Club – falámos disso e fez-me perguntas sobre o regime, então já, em queda, sob Marcelo Caetano.

A seguir à Revolução dos Cravos, acabava eu de ser nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros, o Embaixador americano informou-me que o Senador Kennedy queria vir a Portugal e gostava de me visitar. Convidei-o para jantar nas Necessidades (veio acompanhado de uma irmã). Para esse jantar, que foi dos primeiros, oferecidos a um estrangeiro – que me lembre – estiveram Álvaro Cunhal, Otelo, Almeida Santos e outros ministros. No final, em conversa, disse-me que tinha ouvido falar do fado e tinha curiosidade em o ouvir.

Improvisei uma ida a uma conhecida Casa de Alfama. Ficaram impressionados. Uma das fadistas disse, por graça, que na nossa mesa estavam figuras que cantavam o fado tão bem como ela. Indicou, para o fado de Coimbra, Almeida Santos, e para o de Lisboa, Otelo. Acabaram ambos a cantar. Eu não, que desafino. Mas Cunhal aceitou cantar, com êxito, Grândola Vila Morena. Quando saímos, Ted Kennedy exclamou: "fantástico, uma Revolução que canta"...

Encontrei-o depois, várias vezes, na América: sempre interessado por Portugal. Quando a Liga Internacional dos Direitos Humanos me atribuiu o grande prémio, quando visitei, em Boston, a instituição e a Biblioteca em memória do seu irmão e quando fizemos um debate, de uma hora, para uma televisão americana, sobre Portugal, América e os portugueses no Mundo lusófono.

Edward Kennedy foi uma grande figura de legislador e político das últimas décadas. Foi, como disse Obama, a alma do Partido Democrático: um homem progressista, generoso e bom. E ainda um grande amigo de Portugal. Que o digam os nossos emigrantes...

Vau, 1 de Setembro de 2009